

A IDÉIA DE CORPORAÇÃO E A REFORMA UNIVERSITÁRIA

7



O Congresso que em boa hora a J.U.C. organizou veio na realidade em boa hora.

A estagnação e o retrocesso da Universidade Portuguesa são inversamente proporcionais do interesse especulativo pela sua natureza e destinos. Tem-se progredido nas indagações sobre a questão universitária, tanto quanto se tem deixado a própria Universidade tombar no fecho do seu declínio.

Bastariam tais motivos, inversos no sentido, mas ambos candentes para que este Congresso fosse oportuníssimo. Acresce porém, que no decurso lógico da teoria crescente sobre os temas universitários se tomam já como certas muitas idéias ainda incertas. Por temer que se progredisse sobre noções aparentemente fecundas de verdade, mas realmente plenas de rumos falsos, é que disse ter sido boa a hora em que se organizou um Congresso, onde, pelo menos, serão conhecidos diversos pontos de vista, anseios talvez opostos, a esclarecerem-se e a confrontarem-se em fraternidade cristã.

Possuído deste espírito e contando já com ele nos outros é que me atrevo a por claramente o problema, que reputo o mais importante para a restauração da Universidade, não exitando em me referir concretamente a pessoas e a situações.

E vem já a propósito citar, para tomar como ponto de partida, a recente publicação da oração de sapiência pronunciada na abertura do ano universitário pelo Sr. Doutor Pires Cardoso.

Feito este trabalho com toda a proficiência e com uma simpatia

humana invulgar, poderia receber-se o conceito de "Universidade - Cor-
" poração, nele explanado, como o sinal do caminho restaurador.

Agastados com o exemplo duma Universidade onde as relações pessoais entre professores e alunos não existem ou tendem até a ser negativas, abrimos os braços para a reposição duma Universidade Corporativa em que o professor "mais respeitado do que temido deixaria de ser o inimigo que reprova, para ser olhado como um amigo que tem de fazer justiça".(1) O próprio nome de corporação já anima as nossas esperanças dando-nos a promessa duma unidade entre o corpo docente e o discente com vantagem total para o progresso da mesma instituição. Universidade, instituição corporativa, é já por si a garantia duma solução para o antagonismo entre duas classes, como outrora foi o anúncio do movimento corporativo para a pacificação entre os patrões e os operários.

Fundação Cuidar o Futuro

As corporações universitárias e nomeadamente as corporações universitárias, sugerem-nos um quadro duma unidade social que hoje invejamos, e por isso, bendemos espontâneamente para as aceitar repostas no nosso tempo. Porém, a corporação representa o todo de uma realidade que nos é dada já feita e que nos aceitamos como tal, sem tentarmos descobrir a matéria que a constitui. É a idéia de unidade, simultâneamente pacificadora e causa de progresso, que tanto nos entusiasma como nos engana. Vemos nela a solução fácil para este roer de consciência que é comum aos súbditos da idade do homem atomizado -sentirmos que o nosso espírito associativo e até as próprias asso-

(1) Ob. citada do Professor Pires Cardoso.



ciações naturais são feitos à custa do ajustamento de interesses verdadeiramente opostos, e de sentimentos articulados pelo egoísmo. A idéia, mesmo que utópica, dum corpo social, dum agregado com a harmonia e unidade do corpo humano, consola-nos moralmente e ao mesmo tempo garante-nos a possibilidade de realização dum certo número de melhorias que legitimamente desejamos para as instituições em que as nossas vidas se desenvolvem.

Para o estudante que passou os cinco anos da Universidade a sentir o desencontro da missão dos professores com a ilusão dos alunos e que tem a boa vontade de pensar numa reforma, a idéia da Universitas magistrorum et scholarium fa-lo repousar na esperança duma nova e autêntica Universidade. Nessa mesma idéia pode depor o professor bem intencionado, como o Sr. Doutor Pires Cardoso, toda a sua boa vontade e inteligência.



Fundação Cuidar o Futuro

Mas será a idéia de corporação suficiente para uns e outros esperarem que com a sua realização prática se realizem também os seus bons propósitos? Por mim, creio que não.

A própria oração de sapiência do Doutor Pires Cardoso patenteou aquilo que já há muito receava. A idéia de corporação enquistou-se nos nossos hábitos mentais, nas nossas categorias, e ajuda-nos agora a saltar por sobre os problemas que fundamentalmente correspondem às nossas ansiedades. A idéia de corporação é uma idéia fechada. Nada nos assegura que não esteja vazia.

Não obstante os elementos concretíssimos que a história da Corporação Universitária nos entrega, o que fixamos dela é, como disse, essa proposta de unidade corporal, tão adequada ao ideal que queríamos ver realizado. Todavia, tal como com o corpo, o segredo que deveríamos atingir não está na unidade orgânica e formal que ele apresenta, mas

na origem dessa mesma unidade formal, que ele esconde. O segredo do corpo está na vida, que é algo de muito menos perceptível que o corpo, mas de efeitos autênticos. E são efeitos que precisamente nós desejamos; efeitos que duvido estejam contidos na noção que hoje possuímos de "corporatido". E as razões que confirmam esta minha dúvida desdobram-se no ainda citado trabalho do Doutor Pires Cardoso. Nele, a idéia reformadora de corporação abre-se em cada página nos efeitos contrários, ou pelo menos muito distantes, daqueles que dessa idéia poderíamos esperar. A corporação reduz-se aí a um ente de razão, para o sincero gosto de reformar que um Professor consciencioso e dedicado manifesta relativamente à Universidade.



Bastaria a intervenção estatal, que o Doutor Pires Cardoso preconiza, para ser evidente que a idéia de corporação é neste caso e, quanto a mim, no caso da nossa época, uma idéia desenraizada, obediente apenas à esperança que muito provavelmente nos anima, de vermos fundidos num só corpo os elementos antagônicos da nossa Universidade.

Fundação Cuidar o Futuro

O Estado, esse ente também artificial, é o polo magnético dos nossos desejos frustrados ou impotentes. Se desejamos que alguma coisa se realize na vida pública entendemos imediatamente que o Estado a deve realizar. Se desejamos que professores e alunos se unam, se corporeizem, desejamos do mesmo passo que o Estado os corporeize. A idéia de corporação não tem portanto entidade própria fora daquela que a nossa mente lhe empresta para que, por sua vez, obedeça ao instinto elementar da agregação ou quando muito à pretensão moral de pacificação. Por isso, se a levamos a uma maior profundidade ou a uma maior altura, isto é, junto das realidades mais humanas ou junto das realidades sobre-humanas, esvai-se, deixa de ter consistência.

O corpo social, a agregação, o coletivo, podem nada significar

ou significar mesmo o contrário do que parecem. A sociedade comercial, por exemplo, que se apresenta sem dúvida nenhuma como um corpo social, por vezes até com uma unidade verdadeiramente exemplar, vista na sua intimidade e através daquilo "que mais importa", revela-se contraditóriamente. Os interesses que ficam em comum nesta unidade societária estão sujeitos a uma lei de refração pela qual só uma parte do seu percurso obedece à comunidade. A outra volta-se para a origem individual e egocêntrica, desmentindo e contrariando a aparência exterior. A comunidade societária é portanto uma comunidade contrafeita, isto é, feita não totalmente contra si própria mas parcialmente pelo menos.



E se tomamos como exemplo outras comunidades em que o propósito exterior, ou a força da tradição formal, ou a responsabilidade de nome, nos prometem uma unidade social em que não há limitações na vigência dos interesses postos em comum mas, de modo inverso, nos seus estatutos se anuncia a comunhão de vidas humanas através dos séculos, se tomarmos como exemplo essas comunidades e verificarmos depois que na sua íntima realidade funcionam afinal como sociedades comerciais, cabe-nos então concluir que, essas sim, são as autênticas comunidades feitas contra si próprias.

Fundação Cuidar o Futuro

A Universidade Portuguesa infelizmente vive, em matéria de comunidade, aplicando o regime das sociedades comerciais.

Para além do antagonismo entre o corpo docente e discente que se oferece a uma primeira análise, encontramos razões bem diversas das que estariam de acordo com esse antagonismo. A primeira discrepância relaciona-se precisamente com a existência de cada um dos seus grupos.

Haverá na realidade um corpo discente?

Não quero, porque não me interessa neste momento, por igual pergunta em relação ao corpo docente, basta-me saber se há ou não um grupo

dê pessoas com interesses fundamentais postos em comum e que parece viver em oposição a outro grupo de pessoas cuja função orgânica aumenta ou provoca essa colisão.

Fala-se em academia; existem associações acadêmicas; há mesmo tradição de costumes(praxe) de vestuário, de afirmações desportivas e artísticas. Mantem-se uma categoria adequada no senso comum para essa realidade vaga, e em alguns casos imponderável, que é o estudante, o acadêmico. Mas haverá exatamente dentro da Universidade lugar para um grupo de pessoas que existe como grupo porque pode sentir, defender e realizar certos interesses comuns? Creio bem que não. A tão conhecida Academia de Coimbra, a que durante uns anos pertenci, é sem dúvida nenhuma uma realidade patente, que se projecta em muitas situações indiscutíveis e duradoiras da vida individual e coletiva, mas nada tem que ver com o que dentro da Universidade se passa. Toda ela existe, cresce e desenvolve-se fora dos muros da Universidade. Aparentada numa cidade que lhe pertence desde há muito, a Academia de Coimbra faz dela o seu berço e o seu caixão. Os estatutos da Universidade, as aulas, os exames, o governo do corpo universitário só indirectamente lhe dizem respeito.

O influxo acadêmico que cria em cada estudante a certeza de que pertenceu a uma coletividade é aliaz mais da ordem da sensibilidade do que da universalidade. Não nego que muitos antigos estudantes de Coimbra devem à sua passagem por lá a formação intelectual e até a escolha do seu rumo moral, mas pergunto se essas oportunidades, tão fundamentais para a vida, tiveram qualquer relação com a presença dos professores, dos alunos enquanto tais, com o regime de estudos ou com a convivência nos claustros universitários.

Essas verdadeiras criações da vida vão-se buscar em Coimbra, como em toda a parte, à convivência com os amigos que se escolhem, às



Fundação Cuidar o Futuro

conversas e discussões que as gerações permitem, aos sonhos, ao amor vivido, à piedade religiosa da juventude. Lá, certamente mais do que em outro qualquer sítio, essa convivência é facilitada, mas bastará um acaso de lugar e de número para definir um grupo universitário? As próprias associações académicas são até certo ponto a prova social e jurídica da inexistência dum corpo discente; dentro da Universidade- são o reducto ultimo dum conjunto numérico de pessoas que tenta defender certos interesses duma classe académica que a força natural dos factos constantemente dissolve.

A célebre tomada da Bastilha que em Coimbra todos os anos se comemora é o símbolo histórico da vitória clubista (e portanto simulada) dos que estando fora da Universidade a desejam conquistar de novo expulsando os que abusivamente a occuparam. Com efeito, o corpo docente é o único occupante real da Universidade. O discente, além da função passiva de assistente nas aulas limita-se a identificar-se na situação provisória dos cinco anos normais de curso; situação tão provisória quanto dependente dos exames e da sua exclusão.

A Academia, enquanto agregado humano, não se reconhece dentro da Universidade mas fora dela e aí por motivos e laços sentimentais com a qualquer colectividade, até à puramente societária que aliás se mantém quase sempre por causas que também não são dela própria (por amizade, confiança pessoal, respeito, temor, etc., e não apenas por coincidência de interesses lucrativos).

Dentro da Universidade não há corpo discente. Cada aluno é apenas aluno e tem do seu isolamento a mais pesadosa das consciências, pois sabe que a convivência espontânea e desinteressada com os seus condiscipulos, a participação nos elementos culturais da Universidade (bibliotecas, conferências, cursos etc.) a própria sugestão intelectual das aulas nada significam para a escatologia fundamental do universitário- o exame



Sobre cada hora que passa e sobre cada corredor que se percorre está a sombra engajadora do exame, a dizer: - Tu podes ser excluído deste grémio, o teu destino precário está no meu ventre. O académico não chega a pertencer-se portanto, pois tem desde o momento da sua inscrição burocrática na Universidade, cravado no peito, o espinho dos interesses lucrativos que lá o levaram e que a imagem do exame constantemente recorda.

Nele, no exame, está realmente o segredo. A esse balcão comercial o aluno com o professor um diploma; aí se radicam os interesses fundamentais da Universidade. O professor, quer queira quer não, ensina para o exame, e o aluno aprende para o exame.

Todas as outras relações são extrínsecas a esse núcleo de interesses que mantem a Universidade Portuguesa de hoje. E se quizessemos obter a contra prova poderíamos imaginar o que aconteceria se a meio do ano retirássemos ao exame final qualquer validade para a obtenção de diploma. 80% dos alunos partiriam a procurar de outra vida com mais garantias, e dos professores, não sei quantos teriam a coragem de manter uma cátedra, voltada agora para a estranha qualidade dos estudantes que ficavam.

O exame é o segredo. O segredo que conserva um agregado social na aparência de ser composto por dois corpos- o docente e o discente. Na realidade há apenas um corpo -docente- que tem relações de tipo societário, isto é, de interesses ocasionais, com vários alunos, indiferentes entre si, mas supondo e dando a supor que constituem o corpo discente.

Por isso me parece que a ideia de corporativizar o que não existe é uma ideia sem consequências, uma ideia que nunca poderá reformar nada.



Afonso Botelho
(Afonso Botelho)